

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL



REVOLUÇÃO DO AMOR

Nunca como hoje, graças aos meios de comunicação social como são a imprensa, o rádio, a Televisão, o Cinema, a Humanidade tomou conhecimento das misérias sociais, que o egoísmo e o pecado dos homens fomentam e aimentam em várias partes da Terra. Sabemos claramente como na comunidade humana existe quem morra de fome, quem esteja privado de casa, de trabalho, quem não conheça o que é ter futuro, ter dignidade...

Esta situação de facto atinge o cristianismo naquilo que ele possui de mais elementar, que é o seu preceito de amar incondicionalmente a todos os homens, qualquer que seja a sua origem ou condição, manifestando assim o amor que Cristo tem para com todos os homens.

Uma grande interrogação se põe hoje ao cristianismo, à Igreja, sobretudo nos países onde se vivem situações de escravidão, de subdesenvolvimento escandaloso, de desespero: — Possuirá o cristianismo a necessária eficácia para transformar com o amor evangelico o egoísmo do mundo, ou, pelo contrário, será

ele incapaz de penetrar como força histórica na vida temporal da Humanidade?

O problema é grave para uma sociedade cada vez mais empenhada em restaurar a ordem temporal, com eficácia superior à do passado. Contudo, a gravidade aumenta se se toma consciência de que não faltam hoje movimentos de inspiração atea, que parecem mostrar aos homens uma maior eficácia na resolução dos problemas que afligem o mundo, seduzindo os homens sequiosos de justiça, de bem-estar, de liberdade. Estes sistemas aproveitam para acusar as religiões de alienadoras, ineficazes, preocupadas apenas com uma vida futura com Deus na eternidade...

A todos os ateus, a todos os revoltados, a todos os indiferentes, a resposta do cristianismo é só uma: o amor, a caridade em Cristo. O amor que está antes de todas as distinções teológicas, de toda a dialéctica, e e convite ao serviço incondicional aos irmãos. Escreve o Padre Girardi, membro do Secretariado para os Não-Crentes: «É preciso que o amor cristão se torne em força histórica, isto é, que chegue a desempenhar um papel activo e sensível na orientação da Humanidade: que chegue a dobrar as leis da História, das quais o motor parece ter sido até aqui exclusivamente o egoísmo dos indivíduos e das colectividades». Exige-se uma eficácia de no plano mundial para um problema de dimensões cósmicas.

Este plano, que parece utópico, compromete — segundo o Concílio — toda a comunidade cristã e todos os homens de boa vontade. A cada passo os dinâmicos documentos conciliares exigem de cada crente o amor à Humanidade, a tarefa de transformar o mundo em colaboração com

todos os homens, o combate a tudo aquilo que é injurioso para a nossa civilização actual, onde se sente tão vivamente a dignidade da pessoa humana.

Esta cooperação dos cristãos na comunidade internacional para melhor servir o mundo, não significa de modo algum uma ânsia da Igreja de se tornar em força política ou de rivalizar com os poderosos, mas simplesmente um desejo eficaz de infundir o amor cristão nas grandes decisões políticas, económicas e sociais dos povos. A presença da Igreja junto dos poderes deste mundo é presença de serviço à Humanidade, de desejo de ser útil a toda a família humana. Não lhe bastando já os testemunhos pessoais, deseja um testemunho cósmico que debela necessidades também à escala mundial.

O Concílio, ao determinar mais concretamente a participação dos cristãos a nível internacional, a fim de contribuirem eficazmente para a edificação duma comunidade mais pacífica e fraterna, retere-se às «diversas associações católicas internacionais», que é necessário coordenar e consolidar, para que a sua acção produza cada vez maiores frutos na Humanidade.

Recomenda, além disso, que os católicos «procurem colaborar activa e positivamente a promoverem o desenvolvimento das regiões pobres e a justiça social entre as nações».

Esta conversão aos homens e aos povos que sofrem é, como sabemos pelo Evangelho, a condição para que nos convertamos ao Deus vivo, que se faz ouvir e nos interpela também com os gritos da miséria do mundo!

PEDROSA FERREIRA

Em 29 de Junho de 1982, todos os jornais diários traziam a adjunta notícia, em que se anunciava a assinatura de um acordo tripartido interministerial, para a formação de uma equipa técnica especializada, com o encargo de proceder ao inventário, estudo e recuperação do património das Misericórdias.

Embora a nossa Santa Casa tivesse manifestado, logo, o seu mais empenhado interesse em ser incluída nesse rastro, continua, ainda, à espera de uma simples confirmação...

Votar, sim! mas em consciência!

"... os cristãos são chamados a cumprir o dever cívico de votar. É tão grave alguém eximir-se ao cumprimento deste dever como votar levemente.

Ao dar o voto, é de elementar prudência procurar saber primeiro a quem se dá, quais as correntes de pensamento e programas de acção que o candidato defende ou a que está ligado, em que circunstâncias completas da vida nacional as eleições decorrem, qual a evolução e a continuidade do panorama político que mais convém ao país.

E se estão em jogo interesses superiores, então não é lícito sacrificá-los a interesses de partido ou satisfação de sentimentos ou ressentimentos nem sempre confessáveis!

No caso de se afrontarem opções diversas ou, até, contrárias que não ponham em causa os princípios cristãos, a ninguém é lícito reivindicar em favor exclusivo da sua opção a autoridade da Igreja. Para além das divergências da opinião e das inevitáveis pugnas para as fazerem valer, procurem todos, num esforço de compreensão, diálogo e sentido de solidariedade nacional, salvaguardar os direitos da Verdade e da Justiça, da Caridade e do Bem comum, e sejam promotores evangélicos do clima de paz e de concórdia, tão necessário nesta hora.

E ninguém estranhe que a Igreja, em tão grave emergência como esta, peça uma actuação que traduza a sua própria independência e isenção políticas, aliás necessárias à sua melhor forma de servir o bem do povo".

■ DE UMA NOTA PASTORAL

Junho 1982

RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO DAS MISERICÓRDIAS

Um acordo de cooperação técnico-financeira vai ser assinado amanhã, entre o Instituto de Emprego e Formação Profissional, o Instituto Português do Património Cultural e a União das Misericórdias Portuguesas.

A cerimónia, que decorrerá na Misericórdia de Santarém, às 10 horas, terá a presença dos ministros do Trabalho e da Cultura e da Ciência, do Secretário de Estado do Emprego e de responsáveis dos três organismos interessados.

O objectivo deste acordo é o de proceder ao inventário e estudo da recuperação do património arquitectónico, artístico e bibliográfico das Misericórdias portuguesas.

... do SARDOAL ANTIGO

INVASÕES FRANCESAS

II

Conforme se referia no anterior n.º do "Boletim, a primeira Invasão dos franceses entrou em Sardoal a 23 de Novembro de 1807, já no dealbar da tarde. Chovia sem cessar, desde há vários dias, segundo referem as crónicas da época. Isso dificultara, com efeito, a progressão das tropas, mas os seus chefes, indiferentes ao cada vez maior número de baixas e ao lastimoso estado sanitário dos soldados, pouco se interessavam por actos de humanidade, mesmo para com os seus compatriotas: -o que pretendiam, acima de tudo, era alcançarem Lisboa, quanto antes, a tempo de aprisionarem o Rei D. João VII. Seria essa uma vitória de extraordinária retumbância, logo amplificada internacionalmente e que, pelo seu efeito moral e psicológico, traria os mais altos dividendos políticos a Napoleão Bonaparte.

E, efectivamente, só por uma escassa margem de tempo não viriam a concretizar os seus intentos pois, quando atingiram a capital ainda não tinham decorrido 24 horas que o Rei, a família real e um largo séquito de acompanhantes haviam saído a barra. As péssimas condições do mar, acirradas, ainda, pela inclemência do temporal, não tinham permitido que os navios pudessem ter largado mais cedo do cais.

Mas, não obstante as tropas francesas terem invadido as Beiras e o Ribatejo, sempre na ânsia de alcançarem Lisboa, a toda a brida, não deixaram, mesmo assia, de assinalar a sua passagem pelas diversas terras e povoados com inqualificáveis actos de banditismo, em que a malvez andou sempre paredes-meias com a crueldade.

Quem entre nós, os portugueses, tenha lido alguma vez as narrações dos massacres e torturas nos campos de concentração alemães, pelos anos de 1940/45, talvez nunca tivesse pensado que a barbárie francesa atingira, já, 130 anos antes, sobre a indefesa gente da terra lusitana uma culminância e um expoente tão sanguinários que bem se podem considerar como precursores da Gestapo e das SS alemãs.

Segundo pormenores laterais da história das Invasões, recolhidos em autores insuspeitos, está provado que os cabos de guerra das tropas francesas lhes mandavam misturar, no café de campanha e nos vinhos, fortes doses de excitantes e de outras substâncias propiciadoras ou potenciadoras de uma hipereuforia que, além de tornarem os soldados mais destemidos, ousados e aventureiros, lhes deslassavam, igualmente, as faculdades de controle e do equilíbrio psicossomático. Inclusive, já se viu escrito que também lhes forneciam generosamente do forte conhaque francês -que é de um grande teor alcodílico. Uma antecipação, afinal, das anfetaminas e outros estimulantes análogos que constituem, hoje, o vasto arsenal de "doping" dos atletas e dos fabricantes de recordes!

Acicatados por esses estupefacientes e excitantes, que os alteravam psiquicamente e lhes davam um aporte forçado de vitalidade e energia com que os seus oficiais, de uma maneira fraudulenta e artificial, lhes queriam mascarar as penosas e duras caminhadas a que os obrigavam, através de monte e vale, pelas serranias e desfiladeiros da Beira, os soldados gauleses tornavam-se, deste modo, na sua grande maioria, em homens de baixa índole, com total ausência de escrúpulos e propensos, deste modo, a todos os excessos de maldade e barbarismo. Os pormenores historiográficos que anteriormente se deixaram citados poderão não ser as únicas razões que converteram aqueles homens em seres embrutecidos e insensíveis. Mas foram, de certeza, algumas das motivações de base que, também, muito concorreram para os animalizar!

Durante a sua estadia em Sardoal não deixaram de cometer várias tropelias e desacatos -embora a reduzida população que encontraram evitasse de os hostilizar. Não obstante, roubaram e saquearam casas particulares, invadiram as igrejas, onde se apoderaram de tudo o que tinha valor (e não pudera ser escondido ou resguardado) e destruíram, por vandalismo, o mobiliário e alfaiais de algumas casas, cujos moradores tinham fugido com os seus valores mais representativos.

(Continua na pág. 4)

O ESTADO DEVE

ÀS MISERICÓRDIAS

4 MILHÕES

DE CONTOS

A dívida do Estado às Misericórdias portuguesas ascende, já, a perto de 4 milhões de contos -segundo uma estimativa cuidadosa do Presidente Nacional da União das Misericórdias que é, fora de toda e qualquer dúvida, a entidade mais idónea e credenciada (e séria!) para poder prestar tal in formação.

O Ministério da Saúde -continuou a seguir o Dr. Virgílio Lopes no seu depoimento- "desde há largos anos deixou de respeitar os seus compromissos no que se refere ao pagamento das rendas e das indemnizações relativas à aquisição de utensilagem e equipamentos que se deterioraram, em edifícios hospitalares."

Curiosamente, tentativas feitas junto do Gabinete de Relações Públicas daquele Ministério, para tentar obter explicações detalhadas sobre este tão grave e lamentável caso de abandono social não conseguiram obter qualquer esclarecimento.

Como um dos muitos exemplos sintomáticos daquele descalabro, a que estamos fazendo referência, foi citado na ocasião o caso da Misericórdia de Setúbal, cujo Provedor, Ruben dos Santos, disse ver-se aquela Instituição obrigada a processar judicialmente o Ministério da Saúde, pelo não-pagamento de 27.000 contos de que aquela Santa Casa se encontra defraudada, como indemnização pela passagem forçada e coerciva do seu Hospital à tutela do Estado, quando dos famigerados decretos sobre as Misericórdias, da autoria da Eng.ª Lourdes Pintassilgo.

Como bem se conhece, Setúbal é sede de um distrito onde há muitas famílias com grandes necessidades e que passam fome. As entidades oficiais querem esconder e camuflar esse trágico espectáculo, mas o Bispo daquela Diocese, numa atitude frontal e destemida, ignorando perseguições e injúrias de certas camarilhas políticas mais situacionistas (pelas quais não deixou de ser enxovalhado!) não tem calado a sua voz autorizada a bradar contra tamanha enormidade. O Págo Episcopal, embora com réditos bastante limitados e escassos, procura valer, o mais que pode, a tantas necessidades que lhe batem à porta, de exaustos pela fome e por carências de toda a ordem. Igualmente a Misericórdia (que é, em toda a parte a grande

(Cont. na pág. 4)

...do SARDOAL ANTIGO

INVASÕES FRANCESAS

II

(Cont. da pág. 3)

Como já vinha sendo costume, de outras terras, não deixaram de esvasiar todas as pipas e toneis com vinho, mesmo das adegas mais pequenas. Primeiramente, obrigavam alguns elementos da população a provarem os vinhos que lhes pareciam melhores, pois tinham receio de que pudessem estar envenenados. Depois, e à confiança, embriagavam-se. No fim, como remate e corolário, arrancavam todas as torneiras dos depósitos, até que os esgotassem completamente...

Mas, apesar de tudo, o Sardoal não foi das terras que mais sofreu, pois o grosso dessa horda avassaladora não ficou aqui por muito tempo. Abrantes, que era uma praça forte, na época, estava a dois passos e era um alvo apetecível, para servir de testa-de-ponte. Isso levou a que se não tivessem demorado nesta Vila -salvo uma guarnição que ficou aquartelada, para conter em respeito eventuais sublevações e motins que pudessem eclodir.

Os oficiais que a compunham não se perderam, entretanto, à busca de alojamento: instalaram-se confortavelmente no palacete que é, hoje, a conhecida "Casa do Adro", da família Mattos e Silva, não somente por ser o que lhes ofereceria melhores condições de acomodação como, de certeza, por a sua localização ficar virada de frente para Abrantes -de onde poderiam receber, com facilidade, avisos e comunicações, mesmo por tiros de peça, fumos ou sinais com bandeiras, facilmente detectáveis por binóculos de campanha, que já se utilizavam na época.

Os subalternos também se aboletaram da melhor forma possível. Assim, invadiram a "Casa Grande", que fora o antigo palácio dos Almeidas e, alguns outros, decidiram-se pelo convento dos Franciscanos. Mas, formavam sempre grupos, com sentinelas de guarda, receosos de serem vítimas de qualquer emboscada. Ficou, também, na tradição da terra que os soldados se haviam alojado na Igreja Matriz -ou, pelo menos, nas suas dependências. É bastante crível esse depoimento oral uma vez que, desse modo, fariam a cobertura aos oficiais da "Casa do Adro", que lhe ficava contígua, e onde estava o comando operacional desta zona -a qual, aliás, era bastante vasta, pois ia do Tejo ao Zêzere e deveria abranger, ainda, o concelho de Vila de Rei, terra onde não consta que tivessem deixado qualquer destacamento de guarda.

O Hospital da Misericórdia foi, também, um dos primeiros edifícios da terra onde a soldadesca se dirigiu. Para tratamentos e curativos, prioritariamente, pois o seu estado sanitário era mais do que confrangedor...

Só que, depois, vieram a pagar com refinada vilania toda a caridade que lhes fora prestada!

Num dos próximos n.ºs do "Boletim" se fará mais desenvolvida referência a este aspecto da ocupação do Sardoal pela farrroupilha francesa.

M.

- Para facilitar as ofertas

No intuito de facilitar as ofertas a enviar para esta Misericórdia pode-se desde agora depositar em qualquer agência da

CAXA GERAL DE DEPOSITOS neste nosso número de conta:

MISERICÓRDIA DE SARDOAL

CONTA N.º 503 - C - 16

O ESTADO DEVE ÀS MISERICÓRDIAS

4 MILHÕES DE CONTOS

*

Cont. da 3.ª pág.

Casa-Mãe de auxílio e assistência aos necessitados} procura fazer o máximo que lhe é possível, no campo humanitário. Só que o Estado continua a governar-se com o dinheiro que deve às Misericórdias e não lhes paga, mesmo sabendo que está a tirar a misera cêdea de pão aos desgraçados e famintos, tanto os daquela martirizada zona como muitos outros por esse Portugal fora, pois impede, assim, que as Misericórdias os possam socorrer mais amparadamente!

Por isso, aquele Provedor citado, ao acentuar, ainda, que a sua Misericórdia tem um défice mensal de 500 contos, desesperadamente a vê soçobrar porque o Estado se obstina em não pagar o que lhe deve!

O Presidente da União das Misericórdias referiria, a seguir, que outras Santas Casas se viram compelidas a porem em tribunal o pagamento das dívidas que o Estado teima em não lhes liquidar, e acrescentou: "... o comportamento do Ministério da Saúde é anti-moral e incompreensível e deve-se mais a aspectos de ordem política do que a dificuldades de aspecto financeiro". Simplesmente incrível!

Não se acreditaria em tal enormidade se não fora exposta e garantida por uma Entidade do mais alto prestígio e respeitabilidade que conhece, melhor do que ninguém, todos os meandros e sinuosidades dessa tão objecta e suja teia que é o diferendado criado pelo Estado em relação às Misericórdias.

Estes tão graves problemas que atingem as Santas Casas da Misericórdia são altamente lesivos dos interesses das camadas economicamente mais débeis, porque é para os pobres, a Terceira-idade e a Juventude que se destinam os serviços prestados pelas Misericórdias".

Em simples nota de remate, não deixará de acrescentar-se, a propósito, que o Estado deve à Misericórdia de Sardoal, por rendas e indemnizações da ocupação forçada do seu Hospital (que, aliás, deixou destruir e abandonar completamente) um valor que, neste momento ultrapassa os 3.000 contos!

Sem fácil é de imaginar, portanto, quantas dificuldades se não depaeram a esta Instituição para levar a cabo a sua acção assistencial!